

Por que Governança e Compliance são valores para um investidor?

Bernardo Portugal, Presidente do Conselho de Administração da CONFRAPAR e membro do CER/ CEICS

Imagine um grupo de investidores ouvindo os discursos de empreendedores, os chamados “*elevator’s pitches*”, resumindo em tópicos o mercado alvo, o potencial de faturamento, a taxa de crescimento, os concorrentes, os investimentos necessários, o diferencial competitivo, o potencial de retorno ao capital etc. A plateia absorve as mensagens e raciocina como aquela empresa poderá ser valorizada no futuro, maximizando a eventual participação adquirida, seja em cotas, ações ou por meio do mais recente modelo de mútuo conversível para investidores anjos.

Passada a apresentação e mantido o interesse no approach, haverá que se travar uma conversa com os sócios, seja de uma *start-up*, média ou grande empresa, na qual o investidor começará a avaliar outros elementos para o sucesso do negócio. Apesar de a inovação ser fundamental, apenas a sua presença não será essencial para a decisão de investir. O mercado também, sozinho, não será o motivo dominante para a alocação de recursos de um investidor, seja ele anjo, *venture capital* ou de *private equity*. A qualidade, experiência e resiliência dos empreendedores é certamente fator chave, mas, de novo, isoladamente, ainda não serão suficientes para a decisão. Hoje, junto a todos esses elementos, mais um fator se torna crítico: a governança corporativa e as tais práticas de *compliance*, antes vistas como mera burocracia.

Até pouco tempo a governança corporativa e o *compliance* não faziam parte dessa avaliação.

Mesmo reconhecendo que a palavra risco sempre esteve associada ao *business* de investimentos em participações societárias, nunca antes se avaliou tantos componentes para a decisão final de alocar os recursos. As seguidas crises econômicas, políticas e éticas trouxeram para o ambiente empreendedor a necessidade de avaliar também o risco do negócio quanto a existência de práticas corruptas ou procedimentos irregulares, passando a demandar a investigação da integridade dos ativos a serem objeto de aquisição ou investimento. E neste sentido a adoção de práticas de governança corporativa deixa de ser apenas uma busca pelo cumprimento de um *check list* para se transformar em uma exigência real capaz de definir se uma organização está ou não apta “limpa” para ser a escolhida. Um potencial investidor, hoje, precisa avaliar a idoneidade não apenas das pessoas físicas dos sócios, mas o verdadeira *modus operandi* da empresa da empresa alvo e seus administradores.

No Brasil não faltam recursos para investir nos mais diversos setores e modelos de negócios inovadores. Não faltam empreendedores capazes de revolucionar e mudar paradigmas. Mas ainda falta uma cultura organizacional que preze pela ética, integridade e organização, evidenciada pelas práticas de governança. Voltando à sala de investidores, após ouvir tantos discursos promissores, no mundo atual receberá investimento aquele que demonstrar que seu negócio é capaz de gerar valor, apesar do custo Brasil, pagando impostos regularmente, mantendo a contabilidade em dia, registrando a sua propriedade intelectual, não praticando contrafações e mantendo-se em conformidade com as leis e normas aplicáveis às suas atividades. Enfim, mesmo nesta crise, uma empresa com “boa governança”, com certeza será um ativo relevante e atrativo para encontrar investidores estratégicos ou financeiros.